

A INFLUÊNCIA DO FUTEBOL NA CULTURA E NA POLÍTICA DA AMÉRICA DO SUL

Marcos Vinicius Oliveira da Silva*
Miriam Barros Dias da Silva**
Fábia dos Santos Marucci***

RESUMO

Esse trabalho tem por finalidade analisar como o futebol interagiu com a cultura e a política nas sociedades de alguns países da América Latina, como Brasil, Argentina, Uruguai, Colômbia e Chile. Como ele influenciou e foi influenciado pela cultura, arte e política, tornando-se um reflexo das tensões sociais e característica de sociedades e afastando-se da crítica e lugar-comum de que seria apenas uma forma de alienação do povo. O trabalho também tem por finalidade mostrar algumas das formas como o futebol é retratado por artistas em tempos e modalidades diferentes. Embora diversas vezes dentro da historiografia o futebol tenha sido visto com bastante preconceito, começa a ser analisado por várias áreas das Ciências Sociais, quebrando o paradigma de objeto alienante das massas.

Palavras-chave: Futebol. Política. Cultura. América Latina.

1 INTRODUÇÃO

É comum ler e ouvir nos telejornais que “o Brasil é o país do futebol”! Mas o que pouca gente sabe é que o futebol começou a ser praticado no Rio de Janeiro, graças à chegada de quatro operários ingleses na cidade de Bangu, como uma atividade de lazer. Esses britânicos vieram trabalhar na Companhia Progresso Industrial do Brasil (Fábrica de Tecidos Bangu). Inicialmente, o esporte era praticado apenas pelos operários ingleses, mas logo se espalhou entre os trabalhadores brasileiros durante a última década do século XIX.

Hoje é indiscutível a notoriedade conquistada por esse esporte, que faz parte da cultura e da identidade brasileiras. Sabendo que o futebol teve sua origem na Inglaterra, por que afirmam com veemência que o Brasil é o país do futebol? Para responder essa pergunta, faz-se necessário recorrer às Ciências Sociais. Foi por meio do futebol que o brasileiro desenvolveu uma poderosa autoestima. Com o esporte, o brasileiro passou a ser reconhecido mundialmente, sendo sinônimo de fonte de grandes craques desse esporte (DA MATTA, 2006).

Embora os ingleses o tenham inventado, e eles eram representantes de um imperialismo, no futebol a lógica de dominante e dominado inverteu-se. Porque os brasileiros aprenderam e

*Especialista em História e Cultura da América Latina; Graduado em História pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM); marvinos@yahoo.com.br

**Especialista em História e Cultura da América Latina; Graduada em História pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM); barros.miriam@yahoo.com.br

***Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Professora do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM); fabiamarucci@yahoo.com.br

deram características únicas ao futebol, a ponto de ser muito difícil de os ingleses o derrotarem em campo, sem mencionar que o futebol foi integrado aos costumes e às práticas da sociedade brasileira. Apesar da notória prática imperialista dos ingleses e a trajetória de conquistas liderada pelos criadores do futebol, acabaram superados pelos brasileiros. Ironicamente, os considerados “mulatos preguiçosos” tiraram-lhes o domínio sobre o esporte.

Nota-se que o futebol contribuiu para a construção de uma identidade, em que o próprio brasileiro enxergou que era bom em alguma coisa. Antes, a visão que se tinha era negativa, a de um povo mestiço, praticante de capoeira. Agora os brasileiros eram muito bons no futebol, um esporte apreciado na Europa, no denominado “mundo civilizado”.

Alguns intelectuais não acreditavam que o futebol se prolongaria no Brasil. No passado, muitos foram discriminados por praticarem esse esporte. Quando a seleção brasileira foi disputar um campeonato na Argentina, em 1916, Rui Barbosa se referiu aos jogadores como uma corja de vagabundos e malandros. Já em 1921, Graciliano Ramos disse que o futebol não vingaria no Brasil (paragens do cangaço) por ter vindo do estrangeiro.

A verdade é que, contrariando algumas perspectivas negativas, o futebol vingou e hoje, no século XXI, tornou-se uma “paixão nacional” e um costume em diversos países latino-americanos. No Brasil, por exemplo, é comum os trabalhadores reunirem-se nos finais de semana para assistirem a um jogo na televisão, ou mesmo, jogarem uma partida de futebol, conhecida popularmente como “pelada”, que pode ser realizada em algum terreno abandonado ou em um campinho improvisado, ao mesmo tempo em que pode ser uma partida luxuosa, afastando-se do futebol simples praticado pelos bairros mais simples e pobres das cidades.

2 O FUTEBOL E A LITERATURA

Não consiste tarefa fácil relacionar literatura e futebol. Inicialmente, o futebol era um esporte considerado elitista, e quando se popularizou e se profissionalizou se tornou “paixão nacional”. Por outro lado, a Literatura ocupa o campo da arte produzida por meio da palavra. Escrever sobre futebol tem sido tarefa de poucos:

Veja que em 1919 Lima Barreto fundou a “Liga Anti-Futebol” e dois anos depois Graciliano Ramos escreveu uma crônica (*Traços a esmo*), onde dizia que o futebol seria apenas uma “moda fugaz” no país. Tudo isso em um período em que o futebol era um esporte considerado elitista. O futebol se populariza e se profissionaliza em 1933 e, a partir daí, passa a ser considerado a “paixão nacional”. É neste sentido que podemos entender a cobrança da imprensa e da crítica literária. No entanto, se compararmos com o que ocorre em outros países, onde o futebol também é paixão nacional, talvez verifiquemos a mesma “ausência”. A diferença é que os brasileiros se creem os mais apaixonados e entendidos no assunto. (HELAL, 2010).

A criança que gosta e aprecia o futebol, certamente, se transformará em um adulto apaixonado pelo esporte e por um único time pelo qual torcerá fervorosamente. A paixão pelo futebol consiste em uma das únicas coisas que o homem preserva desde a infância:

Nenhum prazer que teremos na vida depois, incluindo a primeira transa, se iguala ao prazer da primeira bola de verdade. [...] O prazer de acertar um chute no ângulo da goleira. Qualquer goleira. O que pode se comparar,

na experiência humana? Ou na experiência humana de um brasileiro? Todos estes prazeres passam - com o tempo e as obrigações, com a vida séria, com a barriga - mas o amor pelo nosso time continua. Confiamos ao nosso time a tarefa de continuar nossa infância por nós. Passamos-lhe a guarda dos nossos prazeres com a bola. A relação com o nosso time é a única das nossas relações infantis que perdura, tão intensa e irracional quanto antes. Ou mais. (VERÍSSIMO, 2007, p. 16).

Embora os brasileiros se declarem muito apaixonados por futebol, na literatura ainda não se produziu um grande romance. O que se encontra tradicionalmente na cultura literária são crônicas, poemas ou contos.

Para muitas pessoas, o futebol é apenas um jogo ou uma arte com os pés. Mas o futebol, para Nelson Rodrigues, era uma luta épica real pela vida, em que um estádio equivalia ao coliseu. Sendo assim, em campo haveria onze jogadores que lutariam para vencer, do mesmo modo que faziam os gladiadores em busca da sua sobrevivência.

O futebol foi uma das grandes paixões de Nelson Rodrigues. Seu time de coração era o Fluminense, por isso também ficou conhecido como “O profeta tricolor”, bem diferente dos cronistas esportivos de hoje em dia, que preferem não revelar seus clubes de coração em nome da imparcialidade. Era tão apaixonado por futebol, que participou da primeira mesa-redonda sobre o tema da televisão brasileira. Entre 1955 e 1959, escreveu crônicas sobre o futebol na *Manchete Esportiva*, período em que o Brasil enfrentou a tristeza de ter perdido a Copa do Mundo de 1950 no Maracanã para o Uruguai, e se preparava para conquistar o título em 1958, na Suécia. Algumas das obras de Nelson Rodrigues foram compiladas na obra *À sombra das chuteiras imortais*, composta por setenta crônicas.

Todos os domingos, o jornalista e escritor assistia a partidas de futebol nos estádios. Apesar de não conseguir identificar pessoas a longa distância, devido a um problema de visão, sempre contava com a ajuda de colaboradores, que lhe contavam os detalhes dos lances dos jogos. Escrevia sobre futebol brilhantemente, tanto que os leitores da época ficavam fascinados, mesmo aqueles que pouco entendiam sobre o esporte. Transcrevia para as crônicas a paixão sobrenatural, irracional e inexplicável do brasileiro pelo futebol, ainda mais quando o torcedor ou o jogador se deparava com a derrota de seu time e, nesse caso, talvez apenas Freud conseguisse explicar a frustração dos apaixonados pelo esporte. Vejamos um trecho de uma de suas crônicas publicada na *Manchete Esportiva*, em 7 de abril de 1956.

FREUD NO FUTEBOL

Um amigo meu que foi aos Estados Unidos informa que, lá, todo mundo tem o seu psicanalista. O psicanalista tornou-se tão necessário e tão cotidiano como uma namorada. E o sujeito que, por qualquer razão eventual, deixa de vê-lo, de ouvi-lo, de farejá-lo, fica incapacitado para os amores, os negócios e as bandalheiras. Em suma: — antes de um desses atos gravíssimos, como seja o adultério, o desfalque, o homicídio ou o simples e cordial conto-do-vigário, a mulher e o homem praticam a sua psicanálise.

O exemplo dos Estados Unidos leva-me a pensar no Brasil ou, mais exatamente, no futebol brasileiro. De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: — já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável [...]. (RODRIGUES, 1993, p. 28).

Na sociedade brasileira, o futebol tem uma representatividade simbólica, mas também se configura como uma atividade paradoxal. Ao mesmo tempo em que tem uma função socializante, favorecendo a interação entre as pessoas e a formação de novos grupos sociais, ele também contribui para a competitividade e a rivalidade.

A sociabilidade desenvolvida a partir do futebol estabelece tanto as semelhanças quanto as diferenças e também a harmonia e a discórdia. “A sociabilidade desenvolvida como espaço de negociações, conflitos, improvisos etc., ao mesmo tempo em que é território para afirmações identitárias”. (TOLEDO, 1996, p. 103).

Cada indivíduo se identificará com um time e optará por fazer parte do grupo de torcedores correspondentes a sua escolha. Esses grupos se organizam, criam os próprios símbolos para seus times, compõem músicas e assim começam a formar as diversas torcidas brasileiras. Música e futebol se integram no espaço do futebol. Não há jogo que não tenha canto, a começar pelos hinos dos clubes. Destacam-se, nesse aspecto, o cantor e compositor Lupicínio Rodrigues, autor do Hino do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, e o compositor carioca Lamartine Babo, autor dos hinos de cinco clubes cariocas: Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo e América (NASCIMENTO, 2009, p. 25).

Um dos motivos do sucesso do esporte é a forma de manifestação dionisíaca como ocorrem as partidas de futebol, em que a música, as coreografias e até mesmo a bebida formam um ambiente apaixonante e colérico, apesar de possuir também uma forma apolínia, principalmente das formas atléticas e organizacional das jogadas bem executadas. (HOLLANDA, 2010, p. 27).

No mundo futebolístico, nem todos os jogadores alcançam o estrelato, a fama e a riqueza sonhada. Na verdade, apenas uma minoria consegue atingir tais objetivos. Mas há aqueles que vão mais além, tornam-se ídolos e ficam conhecidos internacionalmente. Esses jogadores conquistam a admiração de civis, políticos, artistas e dramaturgos. Acabam por inspirar músicas, poemas, pinturas e esculturas. Por exemplo, em 1950, Heleno de Freitas, então jogador do Atlético Junior de Barranquilha, time de futebol da Colômbia, por seus feitos dentro e fora de campo, inspirou em dois importantes escritores da literatura latino-americana a admiração e o desejo em tê-lo como um personagem em suas obras. Heleno fora considerado “um deus aqui na terra”, porque multiplicava gols como se fossem peixes. A admiração era tão grande, que um jornalista conhecido chamado Bernardo Borges escreveu “Quando fui morto em Cuba”, um romance fictício entre Heleno de Freitas e Rita Hayworth. Já Nelson Rodrigues costumava lembrar a beleza de Heleno. Dizia que todas as mulheres se apaixonavam por ele, seja onde estivesse (HOLLANDA, 2010, p. 27).

Outro admirador de Heleno foi o escritor colombiano Gabriel García Márquez, que recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 1983. Ele escreveu dois textos sobre o jogador brasileiro: “Heleno de ponta a ponta” e “O doutor de Freitas”, citados na obra “Textos Caribenhos”, lançada em 2006 (DAMASCENO, 2012).

Entre Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa havia uma rivalidade, mas ambos tinham algo em comum: a paixão pelo futebol. O escritor peruano Mario Llosa, vencedor do prêmio Nobel de Literatura, em 2010, em entrevista ao jornal *El País*, da Espanha, afirmou que jogadores e escritores possuem semelhanças, pois ambas carreiras são construídas com muita obstinação e disciplina.

Em 1946, Vargas Llosa tornou-se torcedor de coração do Universitário de Lima, conhecido popularmente como “La U”, quando foi pela primeira vez ao Estádio Nacional de Lima com um

tio. Ele chegou a discursar para sessenta mil torcedores ao receber o título de sócio honorário, em 2011. Assim como Nelson Rodrigues fazia no Brasil, Llosa, sempre que está no Peru, também gosta de ir ao estádio acompanhar os jogos do seu time, a “La U”.

Anualmente, Llosa passa uma temporada na Espanha, e por conta disso, desde 1993, tem cidadania espanhola. Chegou a ser condecorado com o título de Marquês, e passou a torcer pelo Real Madri. Para Mario Vargas Llosa, o futebol é o fenômeno mais praticado na contemporaneidade, numa proporção tão imensurável, que poderia ser considerado uma religião laica (MÁRIO..., 2012). O escritor ainda afirma que se pode aprender muito lendo crônicas sobre futebol e as recomenda para os novos escritores que estejam indecisos ou sem inspiração, pois elas libertam os autores para retratarem as experiências vividas pelo homem cotidianamente.

Em 1982, Vargas Llosa se encantou pelo talento do argentino Diego Maradona durante a Copa do Mundo na Espanha. Mas o seu grande ídolo no futebol é o brasileiro Edson Arantes, o Pelé. Como um bom crítico do futebol, durante a Copa de 82, Llosa chegou a dizer que um simples passe de Maradona o transformaria em um gênio numa única partida. Um jovem de talento inquestionável.

As sociedades contemporâneas têm necessidade de construir os seus mitos, personificados na figura do herói, que logo é endeusado pela massa popular. E esses ídolos são facilmente encontrados nos campos de futebol. Alguns são venerados apenas durante o tempo em que são jogadores, mas há aqueles que entram para a história e tornam-se ídolos “imortais”, como Edson Arantes do Nascimento, considerado por muitos o maior atleta do século XX (MÁRIO..., 2012). Há muitos anos, Pelé deixou de ser um jogador de futebol profissional, mas até hoje é idolatrado por milhares de pessoas em todo o mundo. É considerado o rei do futebol. Portanto, é notável que seja parte integrante do fazer de muitos poetas, artistas, dramaturgos e críticos literários e da cultura latino-americana.

3 O FUTEBOL E A PINTURA

Na pintura, vários artistas escolheram o futebol, em algum momento, como tema de suas obras. As motivações vão desde a idolatria por algum clube ou jogador, até as conquistas de alguma seleção nacional. Serão apresentadas quatro telas como objetos diferentes para tentar mostrar o quanto é ampla a visão do futebol.

Para começar, deve-se observar a tela “*Futebol*” (Figura 1), do pintor Candido Portinari. Nessa obra, de 1935, o autor mostra o futebol com os colegas de infância na pequena cidade de Brodowski, interior de São Paulo. A terra vermelha é uma característica da pacata cidade. E o futebol representa para ele uma boa recordação de menino.

Figura 1: Futebol de Cândido Portinari, 1935



Fonte: ANDRIOLLI (2010)

A segunda tela é a “El Equipo de Todos”, do pintor chileno Roberto Saavedra Walker (Figura 2). No quadro, o artista se aproveita de uma foto tirada tradicionalmente pelas equipes de futebol e faz uma homenagem aos personagens históricos que contribuíram para a independência dos países da América Latina. O Estádio retratado seria no Equador e sua homenagem aos “Libertadores da América”, uma obra muito apropriada, pois promove também uma integração entre a América e seus principais personagens com o futebol, que é, sem dúvida, o esporte mais idolatrado pelo continente.

Figura 2: El Equipo de Todos de Roberto Saavedra Walker, 1986



Fonte: Blog Estufando os cordéis da cidadela¹

¹ Disponível em: <<http://cordeisdacidadela.wordpress.com/2011/04/02/el-equipo-de-todos/>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

A terceira tela é do pintor argentino Ricardo Martinez Galvez, que utiliza bastante o futebol como objeto de suas obras. Mas o que mais chama a atenção para suas telas é a intenção do artista de mostrar os sacrifícios e as agruras que os torcedores apaixonados são capazes de suportar para estar ao lado de seus clubes. Um exemplo é o quadro “Bandera que se hace manta” (Figura 3), que retrata os hinchas, como são chamados os torcedores no restante da América Latina, dormindo na fila e passando frio para adquirir ingressos, a fim de assistirem ao jogo de seu clube de coração. Perguntado sobre por que ele pintava tanto os hinchas em suas obras, respondera que os hinchas são o sal do futebol.

Figura 3: Bandera que se hace manta, de Ricardo Martinez Galvez, 2011



Fonte: Portifólio on-line do Artista²

Finalmente, a obra do pintor do Uruguai Arotxa, que é uma caricatura (Figura. 4), de 1985, do ídolo do futebol uruguaio e do time do River Plate da Argentina, Enzo Francéscoli. A caricatura é muito comum e importante no mundo esportivo. É usada tanto para fazer piada com uma derrota quanto para homenagear um ídolo, como parece ser o caso desta obra.

Figura 4: Enzo Francéscoli, de Rodolfo Arotxa, 1985



Fonte: Jornal El País³

² Disponível em: <<http://www.behance.net/gallery/FUTBOL-ARGENTINO-Argentine-Football/4122653>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

³ Disponível em: <<http://muva.elpais.com.uy/ing/planta4/Sala8/info/zoom14.html>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

4 O FUTEBOL E A POLÍTICA

O futebol ganhou tanta projeção que diversas vezes os políticos de todo o mundo se aproximaram do meio desportivo para tirar proveito de sua popularidade, principalmente, nos momentos importantes como a conquista de um título ou uma vitória importante.

Visto por muitos cientistas sociais como uma forma de alienação do povo, o futebol como objeto de estudo foi deixado de lado pelos acadêmicos, sobretudo, na época dos governos militares dos países da América do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai e Chile). Passou a ser abordado somente nos anos 70:

Somente no final da década de 1970 e início da de 80 foi que alguns antropólogos, como Roberto da Matta, Simone Lahoud Guedes, Arno Vogel e, mais tarde, José Sérgio Leite Lopes, pelo viés da formação da classe operária no Brasil, vieram a focalizar de outras maneiras esse fenômeno até então visto como sinal de alienação e conformismo do povo brasileiro e também instrumento de dominação e manipulação política de nossas elites. Isso apesar do futebol vir adquirindo crescente popularidade desde o início do processo de urbanização do país, no começo do século XX. (MONTEIRO, 2003, p. 31).

No Brasil, a primeira forma de usar o futebol para tentar “civilizar” o povo talvez tenha ocorrido na figura de Jaime de Carvalho, que inaugurou o que viria a ser chamado de *chefe de torcida*, aquele que seria uma referência dentro dos estádios de futebol. O líder da Charanga Rubro-Negra ganhou tanta importância, que virou chefe da torcida brasileira na copa do mundo do Brasil, em 1950. Sua função era comandar, controlar, educar e civilizar a torcida da seleção brasileira durante a copa do mundo, como ele já fazia com a torcida do Flamengo. Uma clara alusão ao chefe de polícia, que era uma figura respeitada pela sociedade. Uma tentativa do estado de disciplinar as massas.

A relação entre o futebol e a política consiste no fato de o Estado se apropriar do prestígio do esporte para transmitir à população uma ideia que seja favorável ao governo. O futebol como objeto cultural pode ajudar a unir as massas voltando-as para um ideal comum. No Brasil, Getúlio Vargas, estrategicamente, discursou inúmeras vezes nos estádios do Vasco da Gama e Municipal do Pacaembu. Ele foi o primeiro presidente que entendeu e se aproveitou diretamente do encanto que o futebol exerce sobre as massas para se aproximar delas. O Estádio de São Januário, na época o maior estádio da América Latina, passou a ser usado por Vargas para a realização dos seus discursos. Vargas percebeu a importância do futebol como aparelho ideológico:

A par disso, o torcedor representava tão somente a condição do homem-massa trasladado para o ambiente esportivo. Reflexo de uma consciência fragmentada, ele extravasava sua hostilidade, insatisfação e frustração cotidiana sem compreender os mecanismos concretos que de fato o subjugavam. Tal visão descambava de maneira quase automática para o enquadramento dos esportes como mais uma das instituições propostas por Althusser na conceituação dos aparelhos ideológicos do Estado. (HOLLANDA, 2010, p. 27).

Durante o governo militar, após os anos sessenta, a produção artística e todo movimento político dissidente são perseguidos. Sindicatos, grêmios estudantis e afins são silenciados pela força. Surgem as torcidas ligadas ao poder jovem, sendo a primeira a Torcida Jovem do Flamengo, sendo seguida pela torcida Young-Flu, do Fluminense, Torcida Jovem do Botafogo e a Força

Jovem do Vasco. Todo movimento jovem que incendiava o planeta não passaria despercebido no mundo do futebol, e os jovens também reivindicariam seu espaço no palco do principal esporte.

Essa repressão os levou para as arquibancadas. O que se viu a partir de então foi uma explosão de novas torcidas no Maracanã. Em todo jogo surgia uma torcida nova. Porém, da mesma forma que surgia, desaparecia das arquibancadas. O *Jornal dos Sports*⁴ dá um destaque para esse movimento, publicando cada novo surgimento em suas páginas, fornecendo ainda nomes e informações sobre como participar dessas novas torcidas.

Ao mesmo tempo em que nas vitórias a torcida ganhava em vibração, isso também repercutia nas derrotas, mas em forma de protestos, enterros simbólicos e gritos, geralmente, parafraseando canções ou gritos de guerra dos movimentos estudantis. O fato é que no período do governo militar os jovens tinham seus movimentos limitados, já nos estádios eles tinham o “direito” de gritar, pedir mudanças no time, xingar o juiz e protestar contra o presidente de seus clubes. E é justamente nesse período que o Brasil ganha a copa do México em 1970. O *Jornal do Brasil*, em 9 de junho de 1970, publicou um poema de Carlos Drummond de Andrade.

No fim da década de 1970, quando se começa a pensar no fim do regime militar, uma das primeiras manifestações públicas sobre o processo de abertura política ocorreu justamente em um jogo de futebol, no campeonato paulista entre Corinthians e Santos em 11 de fevereiro de 1979. Pela primeira vez se estendeu uma enorme faixa com as inscrições “Anistia ampla, geral e irrestrita”. Isso aconteceu no meio da torcida organizada Gaviões da Fiel.

Na Argentina, o peronismo e o justicialismo tiveram uma enorme influência nas torcidas dos times. As Barras Bravas, como são chamadas as torcidas organizadas na Argentina, alcançaram um nível de influência entre vários segmentos da sociedade no país, entre políticos, sindicatos, dirigentes do clube, jogadores e outros que sempre procuravam tê-la como aliada. Infelizmente, essa força foi pouco usada de forma a desenvolver uma consciência social. Quando ela se manifestou em prol de uma causa, foi visando um ganho econômico de seus líderes, ou para exercer sua violência, como no caso em que ela levou um grupo do sindicato de metalúrgicos para brigar com uma torcida rival. Os políticos sabem muito bem do prestígio nacional da Barra e em diversas ocasiões as financiaram, como o escritor Gustavo Gabria relata no seu livro “La Doce”:

O caso de amor com a política continuou ao longo de 1988. Durante a disputa interna pelo peronismo ao longo de 1988, Cafiero apostou na mesma fórmula: desembolsar fundos para ter ao seu lado a barra do Boca. Assim, ao longo do ano, La Doce balançou uma bandeira de 12 metros de largura por três metros de altura com as palavras “Cafiero Presidente”, o que permitiu a vários membros da barra trocar de carro e viver dessa relação. (GABRIA, 2012, p. 48).

Esses “financiamentos” extrapolavam o incentivo, em alguns momentos políticos usaram a força violenta da Barra para criar tumultos em manifestações, principalmente de sindicatos, como foi o caso da invasão de Fábrica Brukman, tomada por manifestantes, contra o seu fechamento. Bem como nas manifestações feitas pelos sindicatos de vendedores ambulantes e prostitutas, contra as mudanças em uma lei que acabaria por prejudicá-los, em que componentes da La 12, principal torcida organizada do Boca Juniors, promoveram depredações, a fim de

⁴ *Jornal diário de notícias de esporte do Rio de Janeiro*, que circulou de 13 de março de 1931 até 10 de abril de 2010.

desacreditar os manifestantes. Enfim, apesar de a maioria dos componentes desta Barra ser de trabalhadores, muitas vezes eles acabaram por prejudicar uma ou outra categoria trabalhista em benefício próprio.

A “Marcha Peronista” se faz presente entre alguns clubes argentinos, porque muitos surgiram em bairros operários, o que justificaria o vínculo dessas hinchadas com o peronismo. Tal afinidade política contribuiu para que essas torcidas se transformassem em aliadas históricas como as torcidas dos times: Rosário Central, Tigre, Chacarita e Boca Juniors. As hinchadas se declaram apaixonadas pelo peronismo e assim elas se definem. Sendo assim, a repressão do governo militar na Argentina contribuiu para a eclosão de movimentos nos estádios de futebol e os torcedores que faziam menção ao peronismo eram presos, como aconteceu em 24 de maio de 1981.

No Uruguai, o governo militar, vigente na década de setenta do século passado, programou um plebiscito para ratificar sua forma de governo e um campeonato internacional de futebol, envolvendo as seleções nacionais campeãs do mundo pela FIFA para participar de um campeonato entre elas. Acontece que os militares perderam o plebiscito, e o campeonato, que foi disputado no mês seguinte, com as seleções da Argentina, Brasil, Alemanha, Itália, Uruguai e Holanda passou a ser uma forma de tentar reverter a opinião pública em caso de vitória uruguaia.

No entanto, mesmo vencendo o campeonato, no jogo decisivo contra o Brasil, os torcedores que até então pouco tinham se manifestado contra a ditadura, devido ao medo, se irritaram com a presença e com a tentativa desses militares de tocarem os seus hinos, começaram a vaiá-los e a cantar “se vai acabar, se vai acabar a ditadura militar.” Depois desse dia, em todo jogo de futebol no Uruguai, pelos próximos cinco anos, essas frases eram repetidas entusiasticamente. Os militares, que tinham oferecido de tudo para que os jogadores ganhassem aquela competição, não contaram com o poder da massa, e aquela data ficou marcada por vários enfrentamentos da população, que saiu às ruas para comemorar, contra as forças policiais do estado.

Já no Chile, o principal estádio de futebol do país serviu de palco para uma das maiores barbaridades de sua história. O Estádio Nacional de Santiago foi local de prisão, tortura e assassinato dos presos políticos do regime do General Augusto Pinochet, já no segundo dia após o golpe. Milhares de chilenos foram levados para o estádio, onde militares não só do Chile, mas também do Brasil e da Argentina participaram do massacre aos dissidentes do novo governo que se estabelecia por meio da força.

5 CONCLUSÃO

O cientista social deve conhecer as arquibancadas dos estádios de futebol e a cultura desses espaços, a fim de estudar as preferências, quase sempre discriminadas, da população mais carente do país. O futebol é um esporte que carrega as características do povo que o pratica e dialoga com todas as formas de arte existentes. Constitui manifestação sincera de expressão popular. A crítica que se faz nos nossos dias, com os eventos esportivos que acontecerão no Brasil, é contra a tentativa de se fazer o futebol brasileiro à imagem e semelhança do futebol europeu. Começando pelos estádios semelhantes a shopping centers e a tentativa de “civilizar” os torcedores, mudando completamente seu jeito de torcer. O futebol é um reflexo do que somos, mas como aconteceu em vários momentos da História do Brasil e em outros da América Latina, os governos locais continuam com a ideia infeliz de europeizar nossa população.

THE INFLUENCE OF FOOTBALL IN CULTURE AND POLITICS IN SOUTH AMERICA

ABSTRACT

This work aims at analyzing how soccer interacted with the culture and the politics in the societies of some countries in Latin America as Brazil, Argentina, Uruguay, Colombia and Chile. How soccer influenced and was influenced by the culture, art and politics, becoming a reflection of the social tensions and characteristics of societies and staying away from the criticism and from the common place of what would be only a form of alienation of the people. The work also aims at showing some of the forms how soccer has been pictured by artists in different times and types. Although inside the historiography soccer has been seen with great prejudice many times, it begins to be analyzed by various areas of the social sciences breaking the paradigm of the alienated object of the masses.

Keywords: Soccer. Politics. Culture. Latin America.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLLI, Aluisio de Almeida. Portinari: as cores em suas obras sobre o futebol. In: ENCONTRO DO GRUPO DE PESQUISA ARTE, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA, 1., 2010. **Anais eletrônicos...** Curitiba: FAP, 2010. Disponível em: <<http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/artigoALUISIOO.pdf>>. Acessado em: 01 mar. 2013.

DAMASCENO, Reanan. **O craque que encantou de Gabriel García Márquez a Roberto Drummond**: em uma de suas obras, Drummond criou um romance hipotético entre Heleno e Rita Hayworth, 12 fev. 2012. Disponível em: <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/heleno-de-freitas/2012/02/12/noticia_heleno_de_freitas,209003>. Acesso em: 01 mar. 2013.

DA MATTA, Roberto. **A bola corre mais do que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GABRIA, Gustavo. **La Doce**: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

HELAL, Ronaldo. Brasil se crê o mais entendido em futebol. **Veja [Online]**, 28 jun. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/tag/roberto-damatta>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **O clube como vontade e representação**: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letra, 2010.

MÁRIO Vargas Llosa e o futebol, 11 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2012/01/mario-vargas-llosa-e-o-futebol.html>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar**: Raça Rubro-Negra! Rio de Janeiro: FGV, 2003.

NASCIMENTO, Hércules Vicente do. **TJB, a maioral**: um estudo etnográfico da Torcida Jovem do Botafogo Futebol Clube, em João Pessoa-PB. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TOLEDO, H. L. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Anpocs, 1996. (Coleção Educação Física e Esportes)

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O Mistério do Futebol**. Disponível em: <<http://www.safergs.com.br/content/view/187/16>>. Acesso em: 02 mar. 2013. Texto originalmente publicado no Jornal Marca da Cal, em abril de 2007.